

Conclusão

Independentemente da ambição e do alcance do projeto de criação de uma obra, seja de caráter estético ou científico, é certo que o desfecho é um momento crucial e de grande dificuldade em razão da impressão que a própria obra deixa sobre seu autor, ou mesmo da transformação que ela produz no seu criador ao longo do processo criativo. Ainda que exista um projeto bem traçado e detalhado previamente e o compromisso interno do autor de se manter fiel a ele, é como se a partir do momento em que se dá início ao trabalho propriamente dito houvesse uma inversão de papéis, passando o criador a ser dirigido pela própria criação. Reconhecemos que está é uma declaração bastante impressionista, no espírito presente ao longo do texto, na medida em que se optou por trabalhar sobre representações da realidade (ou representação das realidades), com finalidades puramente analíticas, isto é, de exercitar a capacidade de reflexão usando ferramentas teóricas conhecidas aplicadas a situações novas, em torno das quais surgem múltiplos questionamentos, o principal deles a respeito de serem elas constituintes de uma atmosfera mental¹ particular e inédita. Porém, não se trata de situações e hipóteses que possam ou precisem ser comprovadas, são impressões que parecem crescer de importância gradativamente ao ponto de se apresentarem como temas de discussão relevantes no que diz respeito à elaboração de novos caminhos e modelos de análise.

A dificuldade de dar fim ao projeto cresce ainda se o plano inclui originalmente, ou desenvolve ao longo de sua execução, expectativas e compromisso de apontar, ao final, perspectivas futuras relativas ao encaminhamento das questões discutidas. Essa expectativa não fez parte do plano inicial, mas nem por isso um arremate conclusivo se torna mais simples. Ao contrário, a elaboração do plano inicial, apresentação do problema, suas

¹ O termo “atmosfera mental” tem o sentido dado por J.B.Bury (1932) quando afirma que os países civilizados da Europa “gastaram cerca de trezentos anos para passar da atmosfera mental da Idade Média para a atmosfera mental do mundo moderno”. Por todas as razões discutidas e que serão constatadas nessa conclusão, é de se prever que a transformação de atmosfera mental na era digital não leve trezentos anos para se completar. Mais do que isso, na análise da transformação estudada nesta tese, considerando todos os aspectos abordados, o tempo não atua como uma variável independente, mas sim a sua ausência, ou o processo através do qual ele se desmaterializa.

justificativas e seus objetivos não previam precisamente a dimensão e os desdobramentos que vieram a se apresentar ao longo da execução, tornando o desfecho ainda mais complexo, a despeito de não ter havido desde o começo qualquer pretensão de chegar ao final com respostas e/ou indicações sobre o futuro das questões levantadas. Antes de tudo, por levar adiante uma análise acerca de uma atmosfera mental capaz de transmitir uma impressão intensa de mudança e novidade, mas que, no entanto, não pode ser comprovada. Para além dos limites impressionistas, que podem ser criticados por insuficiência ou fraqueza de argumentos para o desenvolvimento de conhecimento na área específica de estudo na qual se enquadra a presente tese, a impossibilidade vivida neste momento conclusivo quanto à indicação de expectativas futuras relativamente aos problemas discutidos deve-se à própria intenção original de contribuir especificamente com a análise de uma série de questões que vem ocupando o pensamento econômico, político e social e a teoria decorrente. Porém, ainda em termos impressionistas, podemos dizer que o espírito que motivou e circulou em torno das idéias e do próprio texto foi de criação de um mosaico, ou ainda melhor, um caleidoscópio. O segundo termo parece mais conveniente seja em razão da imagem precisa e real que produz na imaginação do leitor de um tubo cilíndrico no fundo do qual há pequenos pedaços coloridos de vidro, cuja imagem é refletida por espelhos dispostos ao longo do tubo, de modo que, quando se movimenta o tubo ou esses pedaços, formam-se imagens coloridas múltiplas, ou em função da representação que se faz de um objeto dessa natureza como um conjunto de peças, cores, formas e texturas que juntas criam imagens em constante mutação². Assim, no processo de construção desse caleidoscópio tornou-se atrativa a observação das várias combinações e nuances desse conjunto em constante mutação, a fim de exercitar o raciocínio analítico e incrementar as ferramentas teóricas, sem expectativa de desenhar um quadro único e conclusivo, objetivo que parece ter sido bem sucedido.

Obtemos assim uma primeira conclusão: falamos desde o início de dinâmicas em constante mutação; a constante mutação não se dá por ela mesma, resulta obrigatoriamente de forças e provocações externas e internas que

² Ambas as definições de caleidoscópio apresentadas foram buscadas no dicionário eletrônico Houaiss.

funcionam como mecanismos causais. Assim, afasta-se a possibilidade de se desenhar um quadro parado, construir uma determinada cena e produzir uma fotografia para guardar na memória uma síntese dessa constante mutação, para então, a partir dele, indicar desdobramentos futuros. Para fazer isso é preciso parar a dinâmica de movimentação e fixar uma imagem da qual decorre uma visão estática, esta sim capaz de calcular e projetar probabilidades de desdobramentos futuros. Esta idéia faz lembrar o comentário a respeito da visão trágica de Weber ao aceitar a impossibilidade de fazer previsões quando se fala de ações humanas³. Ainda que movido pela razão o homem acredite ter a capacidade de prever antecipadamente o resultado de suas ações, na verdade consegue apenas elaborar e detalhar planos, para testá-los em sua imaginação, porém sem garantias de que os efeitos das ações irão coincidir com o planejado. Daí a dificuldade de criar interpretações únicas e fazer previsões quando a investigação gira em torno da dinâmica de mutação da sociedade. Em outras palavras, as explicações e conclusões a respeito das ações humanas planejadas vêm sempre depois da realização do plano e se durante sua elaboração a dinâmica em questão se mantém em movimento e mutação, a explicação elaborada refletirá obrigatoriamente um olhar para trás, sem garantias e certezas a respeito do futuro.

No entanto, o fato de olhar para trás não tira e nem diminui o valor da explicação. Ao contrário, se a finalidade da explicação é o desenvolvimento das ferramentas analíticas pela acumulação de novas experiências percebidas na realidade, ou exercitadas na imaginação em razão da elaboração da própria explicação, vale olhar para trás ampliando, dessa forma, o sistema conceitual usado para representar a realidade e a partir do qual são desenvolvidos modelos e estruturas analíticas. Em resumo, se a intenção é incrementar as ferramentas analíticas, parece satisfatório e suficiente considerar um conjunto amplo de elementos e juntamente com as explicações que olham para trás alimentar o sistema conceitual a ser usado para observar e entender as várias combinações e nuances de cores e luzes formadas no caleidoscópio desenhado, ou para fazer a representação de uma realidade que se mostra como uma dinâmica em constante mutação. O que significa dizer que a realização de uma tarefa como essa é

³ O comentário sobre a visão trágica de Weber em relação à impossibilidade de prever as consequências das ações humanas está no segundo capítulo.

suficientemente ambiciosa, justificando abrir mão de manobras intelectuais para, além da contribuição analítica, fornecer também indicações sobre os possíveis desdobramentos e caminhos futuros. O caleidoscópio se mantém em movimento mostrando sempre novidades e ao mesmo tempo não dá nenhuma pista se ao parar o movimento a imagem formada será diferente daquela vista anteriormente, por ocasião de outra interrupção de movimento. O mais provável é que sempre se forme uma imagem nova e inédita, no entanto, ao invés de querer prever as possíveis combinações futuras de cores, formas, luzes e texturas, vale se contentar em aproveitar a lembrança das imagens passadas. Certamente, elas sempre servirão de referência para a criação de comparações que tem sua utilidade, desde que não produzam visões distorcidas pela vontade de repetir imagens passadas, guardadas na memória, em razão de serem mais agradáveis ou adequadas a certos propósitos do que a nova.

Da primeira conclusão – de que optamos por observar uma dinâmica em mutação e por isso abrimos mão de apontar desdobramentos futuros – decorre uma segunda, talvez mais importante, de que esta tese passeia pelo reino das idéias e seu valor se concentra no amplo exercício analítico realizado, através da identificação dos múltiplos elementos constitutivos de diferentes conjuntos e das inúmeras relações de causalidade que entre eles se estabelecem, bem como das várias combinações desses conjuntos que formam o caleidoscópio de imagens em constante mutação. Os conjuntos, ou temas em torno dos quais se desenvolveu o exercício analítico são, basicamente, trabalho, valor, propriedade (intelectual) e poder. Em um primeiro olhar panorâmico podemos organizá-los de acordo com a natureza de seus elementos, e assim separar de um lado três conjuntos formados por elementos materiais e de outro um que contém elementos imateriais. O primeiro grupo é formado por trabalho, valor e poder. Esses três temas podem ser relacionados, respectivamente, ao estudo das relações sociais, à economia, e à política. Em cada uma dessas molduras teóricas esses temas são considerados, tradicionalmente, integrados por elementos materiais, o primeiro porque diz respeito às forças produtivas, o segundo porque direciona e consolida a riqueza e o terceiro porque determina o exercício da política. Do outro lado, o tema da propriedade, seja sobre bens tangíveis ou intangíveis, móveis ou imóveis, contém elementos imateriais, na medida em que trata de um direito, isto é, uma idéia de que um indivíduo que reúne certas qualidades pode exigir um determinado

comportamento de outras pessoas em relação a ele mesmo. O direito se materializa em um bem fruto da atividade produtiva das forças sociais que se traduz em riqueza na medida em que a ele possa ser atribuído valor. No entanto, ainda que a análise se concentrasse exclusivamente no objeto do direito, diríamos que neste caso específico os elementos do conjunto são imateriais, por se tratar, de modo geral, do fruto do trabalho intelectual individual, ou da soma das atividades intelectuais individuais agregadas em um saber intangível, irreduzível a uma totalidade uniforme. Além disso, o fruto do trabalho intelectual, seja individual ou o agregado da contribuição de vários indivíduos, não segue a lógica de atribuição de valor dos bens materiais. Por outro lado, quando a análise se concentra exclusivamente no objeto do direito, o eixo do raciocínio se transfere para aquele primeiro conjunto mencionado, o trabalho, isto é, o resultado da atividade produtiva, independentemente de ser ou não objeto de direito de propriedade, é um assunto a ser discutido no tema do trabalho.

A idéia de organizar os temas ou conjuntos dessa maneira surgiu ao longo da elaboração do texto, ficando cada vez mais clara até se apresentar pronta ao final. Não obstante a importância desse tipo de observação, mais do que classificar a natureza dos elementos que integram os conjuntos ou temas discutidos, interessa retirar daí uma nova conclusão que mesmo não servindo de indicação para desdobramentos futuros, nem como evidência para comprovar a permanência ou, ao contrário, a ruptura de idéias, conceitos, ou qualquer tipo de ordem anterior, contribui para o exercício analítico, permite um olhar inovador sobre certas questões e dessa forma abre caminho para a percepção de um novo cenário vivo e dinâmico que por si só sugere a revisão e, eventualmente, o redesenho das molduras teóricas. Nesse sentido, na medida em que a organização dos conjuntos pela natureza dos seus elementos, tal qual explicado acima, se torna mais clara, vai proporcionando a visão de um processo de inversão que, via de regra, pode ser entendido como consequência da criação e efetiva difusão do uso de tecnologia, ou simplesmente do tremendo avanço tecnológico alcançado pelo esforço intelectual. Independentemente das motivações que levam o homem a encontrar certas soluções tecnológicas elas são capazes de transformar a natureza e a vida de forma irreversível e assim provocar uma mudança de atmosfera mental. Isso não significa dizer que a inovação tecnológica, via de regra, resulta obrigatoriamente nesse tipo de mudança, e sim que concordamos com J.B. Bury

(1932) quando diz que a tecnologia é a força que promove a realização da idéia de progresso. Em todo caso, o mais importante não é afirmar como conclusão se há ou não uma mudança de atmosfera, mas sim deixar fluir a percepção de que há inovações e elas provocam um processo de desmaterialização e, assim, aqueles elementos materiais característicos dos três conjuntos listados se transformam produzindo o processo de inversão mencionado. Em outras palavras, podemos observar um processo de desmaterialização do trabalho, do valor e do poder, simultaneamente a um processo de materialização da propriedade intangível através da ampliação do conceito e do direito por ele justificado, com a finalidade de fixar valor, privatizar e transformar em capital tudo aquilo que pertence essencialmente ao reino do imaterial e incomensurável, incompatível com critérios de valor econômico, ou assim tratado artificialmente com apoio da força coercitiva da lei. Dessa inversão decorre naturalmente uma crise nos conceitos básicos usados na investigação e análise do pensamento e da prática social, econômica e política. Ao apontar a crise se abre caminho para compreensões alternativas, enriquecendo ao final os modelos de análise e os sistemas conceituais disponíveis para lidar com uma dinâmica em constante mutação.

Em suma, são três as conclusões deduzidas a partir de uma visão panorâmica da tese como um todo: seus objetivos e resultados se limitam ao exercício analítico; a análise tem como objeto uma dinâmica em constante mutação a respeito da qual não se pretende fazer previsões acerca de futuros desdobramentos; a dinâmica analisada compreende quatro conjuntos em processo de mutação quanto à natureza dos elementos que integram cada um, transformando, conseqüentemente, as várias combinações entre eles. Talvez seja mais adequado tratar os três pontos como observações amplas decorrentes das múltiplas questões abordadas e não conclusões no sentido lógico dedutivo, muito menos no sentido indutivo de generalizações criadas a partir do estudo de contingências específicas verificáveis empiricamente. Em todo caso, considerando que esta é uma outra discussão que não cabe começar neste momento conclusivo, mesmo que diga respeito exclusivamente a uma questão teórica, uma vez vencido o olhar macro sobre o trabalho realizado, daqui em diante interessa fazer um sumário das combinações e interseções dos conjuntos em processo de mutação que foram observadas, a fim de consolidar as contribuições analíticas.

Antes disso, porém, vale lembrar ainda que as combinações dos conjuntos ou temas delimitados e seus múltiplos elementos, seja por sobreposição, interseção ou fragmentação, se desenrolam em cenários variados, considerados no texto como elementos vivos, integrantes eles mesmos do espetáculo, como personagens atuantes, ou simplesmente como variáveis intervenientes. Essa idéia se apresentou ao longo do texto como uma ferramenta analítica interessante, permitindo ampliar o olhar sobre as combinações dos elementos dos conjuntos que alegamos estarem em mutação e perceber peculiaridades significativas conforme se organizam em cada um desses cenários. Conforme foi percebido e comentado ao longo do texto, de acordo com o cenário sobre o qual os personagens vivem suas experiências de transformação, sobre as quais o próprio cenário intervém, a história contada varia e ganha significados diferentes. Da reunião dos vários aspectos conclusivos até aqui enunciados decorre, portanto, uma nova conclusão, ou simplesmente um novo enunciado a ser guardado como contribuição para as ferramentas teóricas e, neste caso mais especificamente para o método de análise que precisa se adequar às situações novas, apesar de serem eles mesmos interpretações de histórias passadas: um dos cenários, a sociedade do conhecimento, se constrói e atua a partir de critérios imateriais, enquanto o outro, o sistema internacional é materialmente definido. O impacto da desmaterialização daqueles três conjuntos, bem como do processo de materialização de direitos e de bens intangíveis é único e original conforme o ambiente no qual se desdobra e é analisado.

Uma última consideração genérica se faz necessária, não como conclusão, mas a título de esclarecimento fundamental para o aproveitamento deste estudo. Apesar do pensamento se estruturar em duplos mutuamente constitutivos, ainda que por conflito ou oposição, a definição e classificação como elemento ou critério material e imaterial não pode ser entendida de forma absoluta. Conforme as observações dos parágrafos anteriores, dependendo do contexto, ou cenário em que se desdobra uma determinada combinação de fatores, seus efeitos, resultados e conclusões superam esse tipo de classificação. É preciso ser cuidadoso para não reduzir o esforço analítico desenvolvido em torno de um campo tão amplo a um método de classificação de elementos materiais e imateriais e de orientação sobre o que fazer, ou como combiná-los na criação de modelos. A insistência nesse ponto deve-se exclusivamente à intenção de facilitar a compreensão de certas

impressões, ou falar delas como relevantes para o estudo desenvolvido que tem como núcleo central a atividade humana produtiva, independentemente de qual seja o seu resultado, se um valor economicamente apreciável, ou se apenas novas idéias, visões de mundo, subjetividades e sistemas de significado. A distinção entre as duas naturezas de resultado é relevante e estimula a revisão dos métodos de análise e investigação da vida social e da atividade produtiva, porém não é o objetivo principal, nem é mais importante do que o processo através do qual o resultado da atividade produtiva passa a apresentar esse tipo de distinção. Da mesma forma, o que foi dito anteriormente a respeito de separar, ou distinguir entre os quatro conjuntos de temas aqueles que são constituídos de elementos materiais de outro que é essencialmente imaterial, não reflete uma proposta rígida, nem poderia ser levada adiante como objetivo principal. Vale repetir que o comentário sobre a distinção visa tão somente a tornar mais robusta a idéia de que o esforço intelectual desenvolvido ao longo dos quatro capítulos leva a pensar em novos modelos de análise, e principalmente fornece elementos para a revisão de sistemas conceituais usados para representar a realidade desde que o sujeito observador aceite que há certas transformações em andamento relevantes porque produzem novidades, independentemente de fornecerem evidências, ou indícios, se representam rupturas irreversíveis ou simples ajustes das estruturas prevalecentes em resposta às novas tecnologias.

Sendo essas as considerações genéricas a respeito do debate desenvolvido ao longo da tese, restam as combinações dos elementos constitutivos dos quatro conjuntos ou temas trabalhados que apontam novidades e assim servem como indicadores de mudança de atmosfera que de toda forma só poderá ser comprovada futuramente, a partir de uma perspectiva externa e separada por certa distância da dinâmica em mutação. Primeiramente, vale lembrar que a pergunta elaborada na introdução para servir de guia e orientação para o plano de trabalho pressupôs certas mudanças e a partir daí estabeleceu uma cadeia de causalidade detonada pelas novas tecnologias atuando sobre os processos produtivos e provocando transformações que de um lado promovem o desenvolvimento de uma nova sociedade e, ao mesmo tempo, produzem impactos sobre certas estruturas vigentes na esfera institucionalizada do sistema internacional e sobre a Economia Política Internacional entendida como o campo de estudo que trata da maneira como a sociedade se organiza, com base na divisão do trabalho e com a finalidade

de produzir riqueza avaliada em termos de valor e traduzida em recursos de poder. Esses recursos de poder são usados, entre outras coisas, para avançar os interesses de cada um dos participantes do sistema, relativamente à estrutura do modo de produção e das relações de produção em geral que favorecem a acumulação capitalista. Dessa forma, a via institucional, representada pelos regimes e outros tipos de acordos, serve como espaço de mediação e de exercício desses recursos visando à realização dos interesses de cada um.

Se o ponto de partida foi a transformação dos processos de trabalho detonada pelas novas tecnologias, o primeiro conjunto examinado a fim de identificar os elementos constitutivos capazes de indicar transformações tinha de ser o trabalho como conceito e como processo social, isto é, na teoria e na prática, como categoria geral de análise e como meio efetivo de expressão do talento e da racionalidade humana. Dessa análise se concluiu que a atividade humana, um dos elementos do processo produtivo, não é simplesmente uma consequência da estrutura do modo de produção, ou uma mera decorrência da tecnologia, mas sim o resultado da dinâmica da inter-relação entre o conteúdo, a forma, a estrutura e a finalidade definidas pelo homem, com maior ou menor autonomia e que se modifica ao longo do tempo e do espaço, pelas mais diversas razões. Assim, a novidade do processo observado concentra-se na radical mudança na natureza da atividade humana no processo produtivo, na dedicação que a atividade produtiva demanda e nas faculdades humanas requeridas. A tecnologia pode avançar sem intervir de forma tão profunda e direta no conteúdo, na forma de organização e na definição das finalidades do trabalho e na relação entre esses elementos. A mudança em questão não é simplesmente uma resposta ao uso e difusão de novas tecnologias, mas, sobretudo, o resultado do uso intensivo do conhecimento em todas as atividades humanas, inclusive no processo produtivo, viabilizando, dessa forma uma nova relação do homem com seu objeto e seus instrumentos de trabalho, bem como dos homens entre si.

Muito da discussão em pauta sobre a transformação do processo de trabalho se limita a definir a profundidade e o significado da mudança relacionada ao uso de novas tecnologias, isto é, pretende simplesmente concluir se há mudança e buscar argumentos para comprová-la, ou, ao contrário, descartá-la comprovando a continuidade das estruturas que determinam as relações de produção. Neste caso, conforme se observou o próprio termo revolução

tecnológica, cujo uso é criticado por vários autores citados, deveria ser evitado, entendendo-se as inovações como decorrência lógica e óbvia do saber que vem sendo acumulado durante séculos, que não revoluciona na medida em que não liberta o trabalho da submissão ao capital, ou da relação estrutural constitutiva dos dois. Mas em nenhum dos dois casos é levada em conta a conexão interna entre conteúdo, forma de organização, estrutura e finalidades do trabalho, entendida como uma totalidade que ao ser analisada pode indicar mudanças relevantes, cujas explicações representam avanço metodológico para as análises centradas na atividade produtiva e a participação do homem nesse processo, uma vez que supera o raciocínio estrutural. Nesse sentido, concluímos que Gorz abre caminho para a novidade ao demonstrar uma mudança através da tendência antes não verificável na organização do trabalho sintetizada por ele como o crescimento da autonomia dentro da heteronomia, sendo certo que nesta síntese todos os elementos ou dimensões de análise do trabalho são considerados: o conteúdo, ou a natureza da atividade que requer e as faculdades humanas que demanda, a forma de organização e as finalidades, ou a relação com o produto resultante da atividade humana. Assim, por meio de uma idéia aparentemente contraditória – autonomia dentro da heteronomia – ele coloca luz sobre uma transformação social mais profunda, que altera as propriedades gerais da sociedade, abrindo caminho assim para a construção de um novo cenário, que optamos por chamar desde o início de a sociedade do conhecimento.

A partir dessa idéia foi possível avançar na discussão a respeito de um novo conceito de trabalho que pretende superar a disputa entre o discurso neoliberal que prega o fim do trabalho justificado pelas novas tecnologias e o ceticismo estruturalista que afirma a continuidade das estruturas prevaletentes no modo de produção do capitalismo industrial, conseqüentemente, mantém válidos os conceitos usados na representação da realidade econômica de um outro tempo e não considera aqueles aspectos destacados por Gorz acima mencionados. Nesse sentido, concluímos que o conceito de trabalho imaterial desenvolvido por vários autores estudados e discutido ao longo da tese, representa um avanço na análise da atividade produtiva, especialmente por privilegiar os aspectos da atividade humana sob impacto das novas tecnologias que promovem uma força de resistência à doutrina neoliberal do fim do trabalho, ao mesmo tempo em que supera o ceticismo estruturalista, fornecendo, assim, argumentos para uma visão

pós-estruturalista, para além dos conflitos constitutivos dos conceitos envolvidos e simultaneamente provocando uma crise para vários deles, o que resulta ao final na necessidade de uma revisão conceitual mais ampla, mais especificamente nos conceitos de valor e de poder, se ficamos no âmbito da discussão desta tese.

A crise do conceito de valor se expressa através da constatação de que parte do resultado da atividade produtiva não se traduz em valor economicamente apreciável, nem se resume às definições de valor de troca e valor de uso, independentemente da definição se fundamentar em critérios objetivos – relacionados com a dificuldade de produção e circulação de mercadorias – ou critérios subjetivos – relacionados com o consumo e os desejos infinitos que produzem a escassez. A respeito dessa discussão conclui-se que essa é uma tendência crescente, isto é, existe uma outra natureza de valor atribuído à atividade humana que não se traduz economicamente, mas nem por isso seu resultado deixa de ser valorizado, ou desejado, na medida em que proporciona um caminho de participação social e de resistência aos desígnios do capital e à submissão total envolvida no trabalho determinado heteronomamente. Da mesma forma a crise do conceito de poder se expressa através da constatação de que as noções de poder relacional e estrutural não dão conta de explicar a intervenção difusa e não determinada que os indivíduos exercem sobre a vida uns dos outros, sem que tal intervenção resulte na perda da liberdade de cada um decidir sobre o seu próprio futuro. Esse poder difuso atua sobre a construção de visões de mundo, de sistemas de significado, de subjetividades, sem que para isso seja preciso usar a força da lei e outros mecanismos compulsórios, nem se valer de recursos que permitem definir as regras de funcionamento e organização das relações sociais.

Ainda a respeito do conceito de trabalho imaterial e a crise provocada nos outros conceitos acima mencionados, concluímos também que sua força é maior, ou ele cresce de importância e se torna mais claro e útil quando analisado no cenário definido como a sociedade do conhecimento. Isso acontece por ser a própria sociedade do conhecimento, conforme demonstrado, uma criação do trabalho imaterial: sua definição decorre da representação do espaço e do tempo, das visões de mundo, dos sistemas de significados construídos pela imaginação compartilhada por indivíduos, livres da pressão e das limitações impostas pelo tempo e o espaço, convivendo por meios de redes de comunicação instantânea viabilizadas pelas novas tecnologias. Portanto, são redes desenvolvidas pelo uso

intensivo do conhecimento e através das quais se produz e compartilha mais conhecimento e outras criações intelectuais. Da mesma forma, por essas redes se transmite o poder difuso e se difunde valor não apreciável economicamente, o que não significa dizer que essas naturezas de valor e de poder sejam inexistentes e irrelevantes em outros espaços de convivência social que não essas redes viabilizadas pelas novas tecnologias de comunicação. É importante esclarecer que ao atribuir maior importância, ou valor mais significativo, para os processos que indicam a desmaterialização de certas forças sociais e dos respectivos conceitos usados na sua análise, quando colocados em um cenário imaterial por definição – a sociedade do conhecimento – não significa limitar o alcance desses processos. Ou seja, o trabalho imaterial e a crise que representa para os outros conceitos têm importância e contribui para o desenvolvimento de ferramentas teóricas quando analisados também em cenário definido por critérios materiais – o sistema internacional. Dizemos que são critérios materiais porque seu espaço é constituído por territórios politicamente demarcados e não pela imaginação compartilhada por quem vive neles.

Em termos do sistema internacional inserido dentro de uma moldura teórica da Economia Política Internacional concluímos que o conceito de trabalho imaterial toma uma feição mais estreita, ou pelo menos, é essa noção reduzida que nos interessa em razão dos problemas que aponta e as possíveis reações que foram discutidas, especialmente no terceiro capítulo. Ficou entendido que o tipo de crise que provoca para o conceito de valor deriva da racionalidade econômica, assim como o poder produzido se encaixa no conceito de poder estrutural. No entanto, isso não significa que essa crise possa ser solucionada pelas ferramentas tradicionalmente oferecidas por esta mesma racionalidade, e nem que o poder estrutural seja suficiente para materializar o resultado do trabalho imaterial. A feição mais estreita a qual nos referimos se resume à propriedade intelectual e a crise que provoca para o conceito de valor decorre da mesma racionalidade econômica que o define. Há um desentendimento entre o próprio conceito de propriedade intelectual e o uso efetivo que é possível fazer dos bens intangíveis produzidos pela atividade intelectual em ambiente determinado pelo conhecimento. Este desentendimento se apresenta na forma de um novo dilema para o capitalismo, também decorrente da tecnologia e produz novas disputas de poder. Ao mesmo tempo em que as inovações tecnológicas são motivadas pelas

crises cíclicas do modo de produção capitalista provocadas pela disputa entre o crescimento da produção versus dificuldades de circulação impostas pelo tempo e o espaço, de outro lado ao vencer essas dificuldades um novo dilema passa a existir. Ao tornar ilimitada a possibilidade de reprodução e circulação de bens passou a ser essencial a criação de novas fórmulas de fixação de valor, impedindo a banalização completa provocada pela oferta sem fim. Não havendo limites para a reprodução, ou melhor, deixando de existir o custo de reprodução, e tornando-se cada vez menor o custo de circulação, a escassez não produzirá mais o efeito desejado de fixação de valor. Sobre este assunto se conclui que o processo de inversão que resultaria na materialização de elementos imateriais por natureza, através da privatização garantida por um sistema jurídico amplo e sofisticado, não se realiza linearmente e sem obstáculos, a despeito dos recursos de poder envolvidos na sua imposição. A contradição entre o custo alto de criação e o custo baixo ou inexistente de reprodução ao mesmo tempo em que dificulta a realização do projeto de ampliação do modo de produção capitalista desmaterializado e livre das limitações impostas pelo tempo e o espaço, torna evidente a crise dos conceitos de valor e poder mesmo dentro de ambiente definido materialmente e delimitado por uma moldura teórica da Economia Política Internacional.

Considerando todos os aspectos observados em cada uma das seções dos quatro capítulos, a intensidade da análise que neles se desenvolveu para levar adiante certas noções decorrentes de impressões que não podem ainda ser comprovadas apesar de serem perceptíveis e discutíveis como idéias e estimulantes como desafio analítico, neste ponto parece restar apenas uma coisa a fazer: dar fim a este longo trabalho, aceitando que não há nele nada de definitivo, nem conclusões concisas e esclarecedoras. Continuar testando as várias combinações dos elementos integrantes dos quatro grandes conjuntos ou temas abordados pode vir a produzir uma discussão sem fim, repleta de contradições que vão mudando de feição conforme vão sendo arrumadas dessa ou daquela maneira, e assim, recomeçam a cada vez de um ponto diferente para terminar também em outro lugar. Com a certeza de que por hora, ou nos limites inicialmente propostos, chegamos às últimas conseqüências, e a fim de evitar a possibilidade de entrar por um caminho sem volta e sem fim damos a discussão por encerrada, temporariamente, para que produza seus efeitos e desperte novos questionamentos a respeito de todas as idéias que ficam abertas e inconclusas.